



como cuidar daquelas sementes agora escondidas. Ansiosamente, ela verificou a caixa de ovos na janela todos os dias, desenhando e escrevendo no seu caderno o que observava.

Após mais ou menos uma semana, a minha filha começou a sentir-se frustrada. Ainda não havia rebentos – a caixa de ovos continuava a ter apenas um pouco de terra. Prometi-lhe que estava a acontecer magia debaixo do solo – que era assim que Deus fez as sementes. Elas precisavam de tempo e de cuidado, e desde que recebessem os nutrientes, a água e sol necessários, acabariam por se transformar em plantas.

A paciência dela foi recompensada uns dias mais tarde, quando um pequeno rebento verde apareceu num dos espaços da caixa. Oh, que entusiasmo! O que era? Quanto iria crescer? Quanto tempo demoraria a crescer? Como é que agora, ao ver a planta, muda a forma como cuidamos dela?

O mesmo acontece com as pessoas. Elas chegam até nós com sementes já plantadas – por vezes, as plantas já são visíveis, mas outras permanecem dormentes, apenas absorvendo a água, a luz solar e os nutrientes que precisam para crescer. É aqui que nós entramos em cena. Devemos ser bons mordomos dos jardins – dos corações – que estão sob o nosso cuidado, para que possam brotar e florescer até ao seu máximo potencial. E, ao ficarmos mais familiarizados com o jardim, – o que foi plantado e onde – podemos começar a fazer o intenso e importante trabalho de cuidar e tratar. Isto implica arrancar ervas daninhas, manter afastados os pássaros e os insetos destruidores, e encorajar os pequenos brotos à medida que se fortalecem e as raízes se aprofundam.

E, quando colhemos as plantas que estiveram sob o nosso cuidado, chegou o momento de cultivar, cavar e plantar as nossas próprias sementes.

“Mas, sobretudo, tende ardente amor uns para com os outros” (1 Pedro 4:8).



SOBRE A AUTORA

Becky St. Clair é uma escritora independente que vive na zona de Bay Area, com o marido e três filhos pequenos. É uma leitora ávida com um gosto especial por contar histórias, pelo oceano, caril tailandês, dias de chuva, escrever

cartas e viagens, o que infelizmente acontece raramente. Nos tempos livres, Becky gosta de tocar percussão na Pacific Union College Symphonic Winds Ensemble, de explorar a costa da Califórnia e de descobrir São Francisco.

Distribuído por:
Ministérios da Mordomia da
Associação da Flórida
Diretor: Conrad Duncan

Produzido por:
Departamento de Mordomia
da Associação União Pacífico
Tradução: Marlene Vieira
Editorial: Bernard Castillo

O Menu do MORDOMO

UMA MISCELÂNEA DE IDEIAS PRÁTICAS
para o ajudar a ser um melhor mordomo.

MAIO 2021 • VOLUME 26, NÚMERO 5



A VIDA OCULTA DAS SEMENTES

POR BECKY ST. CLAIR

Ao longo da minha vida adulta, mudei de casa oito vezes. Quem já encaixotou uma casa inteira, mudou tudo para um novo lugar, e depois desencaixotou tudo, sabe que uma mudança é normalmente um misto de cansaço e entusiasmo. O cansaço, como é evidente, deve-se à enorme quantidade de energia necessária para empacotar de modo seguro todos os nossos bens preciosos, em caixas de cartão e de plástico, para uma viagem que pode ser de apenas alguns ou milhares de quilómetros, aliado ao stresse de começar tudo de novo quando vamos para outro lugar.

Mas eu gosto é de me concentrar no entusiasmo. Gosto imenso de explorar novos lugares – novos parques, restaurantes, museus, cafés, trilhos de caminhada e novos

A MORDOMIA é um estilo de vida pleno que envolve a nossa saúde, tempo, talentos, ambiente, relacionamentos, espiritualidade e finanças.

lugar de observação de aves. Gosto da ideia de conhecer novas pessoas e de fazer novos amigos, e aprender coisas novas com eles. (Sim, é verdade que esta é uma forma muito extrovertida de encarar as coisas.)

Este entusiasmo pelo “novo”, porém, vai mais além das pessoas e dos lugares; também gosto imenso de preparar um novo lar. Decidir onde colocar a mobília, como organizar a despensa, que quadros pendurar e onde. É como um novo começo que me permite ser o mais organizada e inteligente possível. Uma nova oportunidade para arranjar os cantos confortáveis perfeitos e os espaços acolhedores para a família e as visitas.

E, depois, temos o pátio.

Uma vez, fui aconselhada a não fazer grandes coisas no meu pátio ou nos canteiros das flores durante o primeiro ano de residência numa nova casa, simplesmente porque não temos como saber o que já lá existe. A minha função, durante os primeiros 12 meses, deveria ser simplesmente cuidar do espaço tal como ele estava, sem cavar, plantar ou pavimentar. Esperar um ano até fazer alguma coisa, dá-me a oportunidade de identificar onde está a vida oculta. Num pátio, por exemplo, aquilo que eu pensava ser uma trepadeira selvagem acabou por ser uma linda clemátis bebé que, no ano seguinte, começou a desempenhar a sua função de cobrir a cerca com belas flores lilás. Noutra casa, que começámos a habitar no fim do Verão, descobri um belo torrão de narcisos naquilo que eu pensei ser um canto apagado e morto sob uma janela – mas, só na Primavera é que fiquei a saber do que se tratava.

Sempre que me mudei para uma nova casa, gostei imenso do entusiasmo, ao longo do ano, de descobrir o que o morador anterior deixou para que outros desfrutassem. É como se fosse um presente anónimo – surpresas de cor e vida que aparecem do nada; evidências do trabalho de outras pessoas, que agora ficaram para mim para eu cuidar e tratar. E, enquanto esperei que estes presentes se revelassem, simplesmente cuidei do espaço, tirei as ervas daninhas, recolhi as folhas mortas e pudei para que o que estivesse dormente na terra pudesse revelar-se plena e livremente no devido momento.

As pessoas também são jardins. Cada interação com outra pessoa planta uma semente. Algumas dessas sementes brotam rapidamente,

Uma vez, fui aconselhada a não fazer grandes coisas no meu pátio ou nos canteiros das flores durante o primeiro ano de residência numa nova casa, simplesmente porque não temos como saber o que já lá existe.

hastes verdes em busca do Sol e folhas que se desdobram pela primeira vez. Outras são mais como as tulipas, os narcisos, os crocus e os lírios – plantas bolbosas que requerem

um período de dormência para que possam florescer no seu máximo potencial.

A maioria de nós sabe o que é conhecer uma nova pessoa. Talvez seja uma visita na igreja, ou um novo colega de trabalho. Poderá ser outro



encarregado de educação na escola do filho, ou até um novo empregado do banco, ou do café, ou uma cabeleireira. Seja qual for o caso, é importante lembrar que a nossa função não é começar imediatamente a plantar novas sementes, e a cultivar o terreno tendo em vista os nossos próprios propósitos. Tiago 5:7 diz: “Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e seródia.”

Quando encontramos uma nova pessoa, é impossível sabermos que sementes já foram plantadas. A nossa função é simplesmente cuidar do jardim do coração delas, tirando as ervas daninhas com paciência e amor, limpando as folhas secas, podando, permitindo que as sementes sejam regadas pela comunidade, com outros crentes e com Cristo, até que vemos a vida oculta das sementes e dos bolbos, anteriormente plantados, a começarem a se revelar.

Na última Primavera, enquanto os meus filhos tinham aulas em casa por causa da pandemia, a turma da minha filha começou a estudar em Ciências uma unidade sobre sementes. Usando os materiais indicados pela professora, plantámos uma semente diferente em cada secção de uma velha caixa de cartão de ovos e, todos os dias, ela seguiu as instruções da professora sobre

As pessoas também são jardins. Cada interação com outra pessoa planta uma semente.